

CLIPPING

28 de Outubro de 2018
O Liberal – Troppo

ARTE PARÁ, ÁREA INDÍGENA

O Arte Pará 2018 abriu suas portas em dois espaços de referência na cidade de Belém, o Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA) e o Museu Paraense Emílio Goeldi, prédio da Rocinha (MPEG). E mais do que isso, este evento de artes visuais, nesta edição, declara um posicionamento político a favor dos direitos, emergências e da dignidade de comunidades indígenas, as quais tem visto suas terras serem ameaçadas e devastadas, seus saberes desrespeitados, e seus filhos, filhas e lideranças assassinados.

Segundo dados do último Censo Demográfico Indígena, realizado em 2010 pelo IBGE, os números são alarmantes. Com um crescimento populacional 70% menor, se tomarmos somente os dados do Censo Demográfico realizado nos anos 2000, os 254 povos que habitam o território brasileiro geram, com seus próprios descendentes espalhados por outras regiões, um total de 817 mil pessoas com autodeclaração indígena.

São esses grupos, de acordo com o relatório 2016 lançado pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI), que também revelam outros números assustadores: 106 indivíduos cometeram suicídio; 735 crianças indígenas menores de cinco anos foram mortas geralmente por causa de desnutrição infantil; e 137 lideranças assassinadas nas suas áreas de conflitos por parte de exploradores e de projetos de ocupação ilegais. Os povos mais atingidos por esses índices devastadores são os Yanomami, os Mebêngôkre-Kayapó e os Guarani-

Kaiowá, povos localizados nas regiões do Amazonas, Roraima, Pará e Mato Grosso.

Como forma de chamar a atenção da sociedade paraense e brasileira para essa realidade crítica, o curador geral Paulo Herkenhoff e as curadoras adjuntas Vânia Leal e

Roberta Maiorana elaboraram um circuito de artistas de diferentes gerações e localidades, artistas estes engajados em manifestações a favor das comunidades originárias do país.

Toda Arte é Política

Xadalu, cujo nome oficial é Dione Martins, vem de Alegrete, Rio Grande do Sul, e compõe a mais nova geração de artistas urbanos e brasileiros a adotar o princípio da arte socialmente engajada. Descendente dos povos

Guarani, este jovem lutador, cujo pseudônimo faz alusão ao jogo de vídeo game *Street Fighter*, criou, em 2004, o adesivo de um simpático indígena que espalhou pelas ruas de Porto Alegre e, depois, em cerca de 60 países, tornando-o um viral. Ele é tomado aqui como um dos artistas emblemáticos para entendermos um pouquinho o Arte Pará 2018.

Xadalu usa de todos os meios disponíveis para comunicar sua mensagem: adesivos, lambe-lambe, pinturas murais. No caso do Arte Pará não foi diferente. A parede lateral do Museu da UFPA recebeu uma pintura sua com a inscrição

Área Indígena, mais a inserção de dois lambe-lambe para sugerir ao passante a consciência de que nós somos responsáveis pela manutenção e garantia de sobrevivência desses territórios e grupos (um terceiro lambe-lambe foi colocado no interior da sala expositiva do próprio museu). Por meio da curadoria de Paulo Herkenhoff e da curadoria adjunta de Vânia Leal nesse espaço, artista, curadores e organizadores sintonizaram publicamente a adesão do Museu e da própria Universidade Federal do Pará ao reconhecimento e luta por direitos e garantias de

melhores condições de vida para as populações indígenas brasileiras.

Outro exemplo significativo para entendermos pelo menos uma parte do potente discurso do Arte Pará 2018 pode ser encontrado no Museu Paraense Emílio Goeldi, prédio da Rocinha (MPEG), com o vídeo arte do paraense Armando Queiroz e do líder indígena Almiros Martins, *Ymá Nhandehetama*, já dentro da organização realizada pelo curador Paulo Herkenhoff e pela curadora adjunta Roberta Maiorana.

Ymá Nhandehetama, cujas palavras vem do tupi e significam “antigamente fomos muitos”, compõe um relato poético e crítico para denunciar a violência e o silenciamento que aflige as comunidades indígenas no Brasil. A sua proposta, simples na sua estrutura, profunda na essência, coloca o próprio Almiros Martins para nos relatar algumas das experiências assustadoras envolvendo a violência e o descaso que seu povo continuamente sofre pelo poder

público, pela mídia e por nós mesmos. Direto, simples, comovente e transformador para a produção visual não somente paraense, mas mundial.

Esses exemplos citados também podem ajudar a melhor compreender o que é ser indígena no Brasil hoje, um país inflamado por discursos que querem a retirada de mais direitos de quem tão pouco já possui. E mais, Xadalu, Armando Queiroz e Almiros Martins podem ajudar a entender que os povos indígenas não devem ser idealizados, mas compõem grupos mais ou menos organizados, que se transformam e fazem uso dos meios disponíveis para viver e denunciar os crimes que os tornam em vítimas constantes.

Bem devemos compreender que suas proposições artísticas ajudam a fortalecer outra consciência e atitude solidária para com as agendas humanitárias que definem as bases de ser brasileiro e brasileira. Cabe a cada um de nós escutar o outro, fazer uso da empatia e da humanidade, para compreender que esses crimes contra grupos indígenas são crimes contra nós, irmãos e irmãs do mesmo sangue.

Em 2018, o Arte Pará conta com o patrocínio máster da Faculdade Integrada Brasil Amazônia - FIBRA. SetransBel, a Sol Informática, O Liberal na Escola e Vale emprestam apoio à mostra.

SERVIÇO | AGENDAMENTO ARTE PARÁ

Período de exibição:

- 11 de outubro a 07 de dezembro de 2018.

Horários:

- Salão Transversal (Rocinha) - De terça-feira a domingo, das 9h às 17h.

- Sala Rosa (Biblioteca Maria Clara Galvão) - De terça a sexta-feira, das 9h às 17h.

O ingresso para o Arte Pará é gratuito mas para Visita no Parque Zoológico é pago.

Museu da Universidade Federal do Pará

Período de exibição:

11 de outubro a 07 de dezembro de 2018.

Endereço: Av. Gov. José Malcher, 1192 - Nazaré, Belém - PA, 66050-160

Horário: de 9h00 as 17h00

Agendamento escolas:

Telefone: (91) 3242.8340 e 98386.6696

Falar com Raul Carvalho

Email: raulcarvalho.trab@gmail.com

